

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1985

Finalmente, uma bibliografia bastante vasta, mas que nem sempre refere as obras citadas no texto (por exemplo, Callejo Serrano, 1970, citado na p. 61), seguida duma tríade de índices (autores, lugares e assuntos) muito úteis.

De referir ainda alguns erros, como o que situa a inscrição de Cabeço de Fráguas em Braga (p. 218), quando é na Guarda, e o que identifica Lankia Oppidana com Idanha-a-Velha (p. 204).

RAQUEL VILAÇA

KEVIN GREENE, *Archaeology. An Introduction*, Londres, B. T. Batsford, 1983. 1 vol., 25 cm, 190 p. 96 ilustrações.

O desenvolvimento da Arqueologia principalmente nos últimos vinte anos, torna cada vez mais necessárias as obras de síntese, actualizadas, ponto de partida para a compreensão dos campos de investigação mais complexos e especializados. Disfrutávamos já, em versão portuguesa desde 1961, da obra muito acessível de V. G. Childe, *Introdução à Arqueologia*, e, mais recentemente (1981) também com este título da obra de Carl-Axel Morberg; finalmente, *Archaeology. An Introduction* vem completar o quadro da história, princípios e métodos da Arqueologia Moderna.

Da sua leitura ressalta-nos, desde logo, o feliz encadeado dos assuntos tratados bem como um forte cunho pedagógico, reflexo da experiência pessoal do autor. Ao longo dos seis capítulos em que fundamentalmente se divide a obra, o leitor vê desfilar perante si as diferentes atitudes dos povos, ao longo dos tempos, perante os vestígios visíveis do passado. Dos métodos de escavação aos de datação, da interdisciplinaridade da Arqueologia à análise interpretativa do passado, o autor esboça-nos o quadro da génese, desenvolvimento e perspectivas da Arqueologia. Obra abundante em exemplos concretos, remetendo para bibliografia específica sobre cada um dos assuntos abordados, não deixa todavia de nos transmitir um cariz acentuadamente inglês, quer nos exemplos escolhidos quer nas personalidades realçadas como «marcos» do aparecimento e desenvolvimento da Arqueologia.

No Capítulo 1, *The Idea of the Past*, K. Green mostra-nos como o interesse pelas origens, tal como o da vida além-túmulo, é tão velho como a própria Humanidade, embora qualquer reflexo puramente arqueológica pertença já aos séculos mais recentes. Neste campo é-nos destacada a acção de John Frere, Boucher de Perthes, John Evans, além de outros precursores como John Shefferius, Leland, Camden, Aubrey, etc.

Ainda neste capítulo, ao referir-se ao contributo de Pitt Rivers à elaboração da sequência tipológica, assunto que retoma mais profundamente no Cap. 4, K. Greene não desenvolve de modo muito claro o fenómeno da regressão

tipológica, aspecto tão bem ilustrado por Grahame Klark em *Arqueologia e Sociedade*, 1966, 124, clareza necessária, tendo em consideração de que se trata de uma obra de introdução.

No Capítulo 2, *Discovery and Fieldwork*, após relembrar as causas que levaram à exploração arqueológica — confirmar relatos históricos, determinar cronologias de monumentos já conhecidos, a «caça ao tesouro», com fins puramente lucrativos ou para enriquecimento de colecções — o autor esboçamos o quadro das condições políticas, económicas e culturais que permitiram que o século XIX assistisse ao despertar do interesse por regiões tão longínquas como a Mesopotâmia e o Egipto, iniciando-se o movimento que já alguém designou como a «Epopéia dos Arqueólogos». Aí se recordam nomes desde Claudius James Rich a J. Mellaart, sintetizando, até aos nossos dias, a Arqueologia do Próximo Oriente.

Para a descoberta de novos sítios arqueológicos, K. Green realça o método, sempre actual, da «batida de campo», afirmando: «The human eye is an extremely sensitive instrument, particularly when it is tuned in to minor fluctuations in the character of the ground surface, or to noticing objects lying upon it. (...) Thus, many professional and amateur archaeologists spend a significant amount of their time in simply looking around them» (p. 41).

Passando ao contributo dado à Arqueologia pelo aparecimento da fotografia, os exemplos cingem-se quase unicamente à fotografia aérea obtida a baixa altitude; não obstante remeter quer para obras quer para artigos mais completos, julgamos que deveriam ser aqui realçadas as potencialidades e as linhas gerais da metodologia da foto-interpretção das coberturas verticais, mais acessíveis a qualquer investigador. A prospecção aérea, a partir de aviões lentos a baixa altitude, é, na verdade, mais apaixonante, de resultados mais espectaculares e, conseqüentemente, mais divulgada. A foto-interpretção exige uma metodologia diferente e, nomeadamente, um diferente estado de espírito do investigador. A paisagem, com o seu tipo de relevo, bacias hidrográficas, vales largos ou apertados, esporões, orientação das cordilheiras, etc., condicionou o povoamento; 3, desde cedo, o Homem reflectiu o seu grau de civilização na alteração e aproveitamento da paisagem, em seu proveito, em função da tecnologia de que dispunha. Infelizmente, quer os manuais de Arqueologia quer as diferentes obras de introdução às técnicas de prospecção arqueológica, não dão ao arqueólogo um mínimo de orientação para uma correcta utilização deste tipo de fotografias. Entre a bibliografia citada poderiam figurar, entre outras, *La Photographie Aérienne*, por R. Chevallier (Paris, 1972), ou *La contribution des images spatiales et aériennes à la connaissance des mesures utilisées pour la division des terres dans l'Antiquité*, por M. Darbandi et M. Guy (Toulouse, 1981).

K. Green conclui este capítulo com o realce aos métodos de prospecção geofísica aplicados à arqueologia, campo em que a Inglaterra foi pioneira e onde se têm obtido óptimos resultados, nomeadamente com a magnetometria, resistivimetria e prospecção electromagnética. Embora o autor não faça qualquer referência à prospecção sísmica, julgamos ser pertinente lembrar

que, através do sismógrafo, se têm obtido satisfatórios resultados, particularmente na detecção de muros e estruturas ocas.

O Capítulo 3, *Excavation*, é, quanto a nós, uma boa síntese de um dos mais interessantes e importantes campos da Arqueologia. O autor começa por realçar as duas técnicas fundamentais de escavação: a vertical e a horizontal, documentando, com exemplos concretos, tanto o «método dos quadrados» como a «open-area». Após a introdução à estratigrafia e sua interpretação, traça-nos um quadro do desenvolvimento das técnicas de escavação até aos nossos dias. Seguidamente aponta-nos alguns dos critérios que devem presidir à escolha de um sítio a escavar, como planear uma escavação, a constituição da equipa, realçando alguns aspectos técnicos, bem com os problemas da reconstrução e interpretação das estruturas escavadas. Todavia, neste último aspecto, não é realçado o enorme contributo da fotogrametria, hoje largamente utilizada, quer nos levantamentos de alçados quer das plantas gerais de estações, numa escala e rigor difíceis de obter com a topografia tradicional.

Com o Capítulo 4, *Dating the Past*, Greene retoma mais desenvolvidamente a sequência tipológica, introduzindo-nos depois nas técnicas científicas de datação, tanto as que nos permitem cronologias relativas como as que nos fornecem cronologias absolutas.

O Capítulo 5, *The Sciences and Archaeology* é, como o anterior, uma boa síntese da interdisciplinaridade da Arqueologia, onde se constata que o arqueólogo, só por si, seria incapaz de responder a toda uma série de questões que um simples objecto arqueológico lhe coloca. Para Greene, «The relationship between science and archaeology is a double one; first, there are scientific techniques which can be applied more or less directly to sites or finds; second, there is an attitude of mind which demands critical observation, the formulation of hypotheses, and the designing of means of testing their validity» (p. 125-126).

São, assim, abordadas a metalurgia, a petrologia, a palinologia, a geologia e a pedologia, além da informática, com realce para as vantagens e inconvenientes do uso dos computadores. São ainda referidos alguns dos problemas levantados com a conservação de objectos e estações arqueológicas, a interpretação da paisagem, da fauna e da flora, bem como dos ossos humanos encontrados, realçando-se a acção dos diferentes especialistas intervenientes no seu tratamento e alguns dos resultados obtidos. O capítulo encerra com alguns exemplos de arqueologia experimental.

No Capítulo 6, *Making Sense of the Past*, é abordado o aspecto mais polémico e final da Arqueologia: estabelecer conceitos satisfatórios sobre o passado que estejam de acordo com os vestígios encontrados. Para nos mostrar a fragilidade da «verdade» o autor debruça-se mais pormenorizadamente sobre o estudo dos túmulos megalíticos, confrontando o difusionismo de Childe com o impacto trazido pelas datações do radiocarbono, bem como a actual posição da arqueologia tradicional e as explicações da chamada «nova» arqueologia. Também outros campos como a arqueologia espacial, arqueologia

da paisagem e a etno-arqueologia são abordadas nomeadamente à base da crítica aos métodos da «nova» arqueologia.

A obra termina com um glossário definindo cerca de oitenta termos técnicos referidos no texto, e abundante bibliografia na sua quase totalidade em inglês.

A. J. NUNES MONTEIRO

ÉPIGRAPHIE HISPANIQUE — *Problèmes de méthode et d'édition*. Publications du Centre Pierre Paris, n.º 10. Collection de La Maison des Pays Ibériques, n.º 15. Diffusion E. de Boccard, Paris, 1984. 427 pág., 34 estampas. [ISBN 2-7018-0011-0].

Quem compulsar as panorâmicas das publicações sobre a epigrafia romana peninsular feitas nas últimas duas décadas, traçadas, por exemplo, por Carmen Castillo (1967-1972: «Emerita», XLI 1973 p. 109-127; 1972-1977: «Emerita» XLVII 1979 p. 35-66; «Unidad y Pluralidad en el Mundo Antiguo», Madrid, 1983, p. 105-125) ou o capítulo sobre a epigrafia inserido nas crónicas elaboradas pelos elementos do Centre Pierre Paris (REA LXXVII 1975 p. 169-170, LXXXI 1979 p. 131-136, LXXXIY 1982 p. 213-217) — facilmente reconhecerá, ao contrário do que J. Mendes de Almeida pareceu querer dar a entender (AP s. IV I 1983 p. 346), que os estudos epigráficos acabam de registar, na Península Ibérica, um importante surto quantitativo e qualitativo também.

Além dos vários catálogos de museus e dos muitos *corpora* regionais publicados, designadamente em Espanha, abundante é já, entre nós, a bibliografia que utiliza as inscrições como fonte predominante, assistindo-se ao aumento crescente das inscrições inéditas: veja-se que, de 1982 a 1984, o «Ficheiro Epigráfico» incluiu 52 inscrições novas e que *VAnnée Épigraphique* de 1982 contém 203 números respeitantes à Península, índice que, apenas ultrapassado pela Itália (289 números), é de longe superior ao de Roma (que tem somente 87 números). Esse pujante movimento científico vem postular, cada vez mais, a urgência de se assentarem critérios de edição.

De resto, para além das iniciativas regionais, dois grandes projectos epigráficos estão em curso: o da Academia das Ciências de Berlim que visa a publicação dum novo *Corpus Inscriptionum Latinarum II* nos moldes preconizados por H. Krummrey («Tituli» 2 1980 p. 205-215); e o do Centre Pierre Paris que, de certo modo, lhe é complementar, pois, na sequência do volume II das *Fouilles de Conimbriga* (Paris, 1976), privilegia estudos epigráficos aprofundados, de âmbito regional. Nessa segunda perspectiva se insere a obra *Inscriptions Romaines de la Province de Lugo*, assinada por F. Arias Villas, P. Le Roux e A. Tranoy (Paris, 1979); *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, de José d'Encarnação, pode também incluir-se nessa série, assim como — em certa medida — *La Cálce Romaine*, de Alain Tranoy (Paris, 1981), e *Varmée romaine et Vorganisation des provinces ibériques*